

# CORRESPONDÊNCIA

EGITO GONÇALVES

1

Mãos subiam para a conquista quando um rio de azul me cercava, preparando-se para me estrangularem após a posse.

Entreguei-me e agora vejo-as enrolarem-se em torno do copo para se aquecerem. O Inverno atíça contra nós rajadas que procuram fazer entrar a morte pelos pés. Deixo que voltes a possuir-me, abro-me à tua penetração e aceito que os teus lábios me arranquem dos seios o espasmo que me restitui a força de suportar as horas.

Na curva solar bebo o esperma da tua boca e atinjo nesse puro acto a pulsão mais funda, a música das raízes. Faço uma nova leitura do teu corpo e o ar circula. Enrolo as mãos em torno do copo para as aquecer no teu calor. Contemplo o café superpovoado, a parede onde se anuncia que há uma sala própria para banquetes.

2

As mãos acariciam-te o dorso, repousas no meu peito como se toda a tristeza se tivesse consumido e fôssemos uma corola aberta num mar sereno. Os gatos dormem com as unhas encolhidas e bebo cada átimo como se estivesse na borda do abismo, numa suspensão despojada de crisálida. Ouço a tua voz dizer-me que o amor não é apenas feito de alegria — como se o não soubesse, como se não estivesse mesmo agora a ver a dor, formiga laboriosa, preparada para tentar estilhaçar o espelho, fragmentar a imagem, operar a sua transformação em coisa enganosa e miseranda. Mas olho-a, insensível ao voo dos augúrios e, como se estivesse a ouvir-te no final do vórtice que acabou de te sacudir, repito: Se não for assim não vale a pena. A nossa história é feita de escombros e milagres. Quando os teus cabelos entram nos meus lábios rompemos o cerco e regressas para beber a chuva, para ser estuário nos socalcos do vidro...

3

Respondes que é difícil resistir à força de quem nos ama, e noto que o dizes a meio de Dezembro, quando se ergue um vento que nos enche de carências. Recebo a frase como carícia solar que te escorre das mãos e ponho de lado toda a ambiguidade que também transporta. Penetro-a, vulva aberta e húmida, como se nela fosse dormir para sempre. E quem sabe?... Ignoro se é uma rosa que me entregas, mas assim a imagino. Afinal o teu ventre pesa sobre o meu e aceito que a felicidade é um delírio onde há litorais, dentes cravados, istmos por onde o sangue se perde entre espinhos sem vegetação. A tua frase amacia os lençóis e repele a luz fria que nos espreita. O teu seio beija-me, respondo-lhe, ergue-se e avança como um rio entre lábios, penetrando, súbita glande, ao ritmo do sorriso em que o meu coração se transforma. E é tudo, por hoje. Os ruídos da avenida batem na janela e não sabem que decapitámos a cidade.